

Em 35 anos, Embrapa Semiárido amplia  
oportunidades produtivas para o Nordeste Brasileiro

No último mês de junho a Embrapa Semiárido comemorou 35 anos de criação. A instituição acumula em sua história algumas das pesquisas que ajudaram a mudar a percepção do país sobre o bioma caatinga: de um ecossistema empobrecido submetido aos rigores de secas intermináveis para a de um ambiente rico em recursos naturais e de variadas potencialidades socioeconômicas.

Para o pesquisador Nataniel Franklin de Melo, Chefe Geral da Embrapa Semiárido, este é um mérito que serviu para reorientar muitas das intervenções governamentais na região e é base para as novas políticas públicas, que buscam enfrentar, de forma produtiva e sustentável, fenômenos como o das mudanças climáticas.

De acordo com o dirigente, ainda que criada no ambiente institucional dos anos 70, quando se impunha a solução de distribuição de carros pipa para enfrentar os problemas relacionados ao clima quente e seco e às irregularidades das chuvas, o centro de pesquisa soube se orientar em direção contrária. "Nos projetos da instituição, constatações como o risco de seca na região maior que 60%, as temperaturas elevadas, a frequência de dias ensolarados em grande parte do ano, o regime de chuvas e a vegetação, passaram a ser aproveitados como um diferencial de sustentabilidade ambiental, produtiva e econômica", afirma Nataniel.

Esses fatores, associados às técnicas de irrigação adaptadas ou desenvolvidas nos projetos de pesquisa, tornaram o semiárido do Brasil o único em todo o planeta onde é possível a produção agrícola em todas as épocas do ano.

Esta é uma das vantagens que impulsiona a expansão da agricultura irrigada, em especial no Vale do Submédio do São Francisco, onde está localizado o principal polo de fruticultura tropical do país. O impacto do desenvolvimento tecnológico também alcançou as produtividades. Em meados dos anos 80, o volume médio das colheitas nos parreirais da região chegava a 18-20 t/ha/ano. Os dados atuais registram valores médios bem acima, entre 30 e 35 t/ha/ano, revela o dirigente da Embrapa.

Bons resultados não são privilégios apenas das atividades agrícolas sob irrigação. Em segmentos como a pecuária nas áreas dependentes de chuva, o potencial da produção animal deu um salto, assegura o dirigente.

A criação extensiva, com os animais soltos na vegetação nativa, requer uma área de 10 a 15 hectares para alimentar um animal ou grupo de animais que somem o peso de 450 kg. Em estudos com manejo de rebanhos, plantas forrageiras e pastos cultivados, o centro de pesquisa fez reduzir a necessidade de área de criação desse mesmo volume de animais para apenas 1 ou 2 ha.

Para Natoniel, outra grande contribuição do programa de pesquisa da Embrapa está relacionada ao aproveitamento das águas de chuvas para o consumo humano e a produção agrícola. As experimentações com tecnologias desenvolvidas pela Unidade adquiriram nova dimensão ao serem apropriadas por organizações sociais e se tornarem base de políticas públicas para a convivência com o semiárido, como os programas 1 Milhão de Cisternas (P1MC) e o Uma Terra e Duas Águas (P1+2).

Ele destaca que a ação institucional do centro de pesquisa é marcada pela atuação cooperativa com variados segmentos de públicos, seja na área governamental – no Brasil e no exterior - quanto entre empreendedores privados e pequenos agricultores. As parcerias ampliam a competência técnica do seu corpo de funcionários.



A Embrapa Semiárido chega aos 35 anos de idade dando passos largos para estender sua experiência na geração de conhecimentos e na interação de processos de desenvolvimento rural aos países da América Latina, do Caribe e da África. Técnicos da Unidade têm sido, com frequência cada vez maior, interlocutores de organismos

internacionais e de instituições nacionais na elaboração de projetos de geração de renda e emprego, e de mitigação de efeitos das mudanças do clima na agricultura do mundo tropical.